

Illouz, Eva. 2024. *Explosive Moderne*. Traduzido do inglês para o alemão por Michael Adrian. Frankfurt/Main: Suhrkamp. Ebook.

Gerd Hammer

Universidade de Lisboa, Portugal

gerd.hammer@edu.ulisboa.pt

ORCID: 0000-0002-3623-4285



HÁ LIVROS CIENTÍFICOS que lemos como se de romances de *suspense* se tratasse. Os estudos da socióloga de origem israelita e francesa Eva Illouz encaixam-se, sem dúvida, nesta categoria. A sua última publicação trata uma vez mais da alteração das emoções no capitalismo de consumo e as consequências dessa mudança, a “modernidade explosiva”. Os temas da sua pesquisa são sentimentos como a esperança, a inveja, o ciúme, a raiva e o amor nas suas manifestações na modernidade tardia e a forma como influenciam as nossas opiniões e acções políticas, especialmente nas democracias ocidentais.

Eva Illouz, nascida em 1961 em Fés, Marrocos, ensina em França, na École des hautes études en sciences sociales em Paris e na Universidade Hebraica de Jerusalém. Foi professora convidada em Princeton e em várias universidades alemãs. Desde o seu primeiro livro *Der Konsum der Romantik* (2003) [*Consuming the Romantic Utopia*], traduzido em várias línguas e distinguido com vários prémios, tornou-se uma das mais importantes investigadoras no domínio da sociologia das emoções. Eva Illouz toma igualmente posição sobre questões políticas actuais, como a atitude de muitos membros da esquerda mundial após os assassinatos do Hamas em 7 de Outubro de 2023 ou as suas críticas à actuação do governo israelita contra os palestinianos em Gaza e na Cisjordânia, o que lhe valeu acusações de ideologia anti-israelita por parte do governo e a exclusão do prestigiado Prémio Israel.

Explosive Moderne (Modernidade Explosiva) é um livro composto por três partes principais:

- 1) O sonho americano: uma distopia emocional?
- 2) Nacionalismo, democracia e os seus sentimentos;
- 3) A intimidade implosiva.

Na introdução, Illouz sublinha o significado social dos sentimentos, porque “sem nos apercebermos, os sentimentos englobam e incorporam os componentes centrais da sociedade. As normas, as regras, as estruturas sociais, as orientações culturais constituem o magma invisível, mas ardente dos sentimentos, as brasas da sua energia”. Para além de numerosos estudos estatísticos actuais, Illouz considera as obras da literatura mundial, de Platão a Kazuo Ishiguro, de Proust a Kafka e John Edward Williams, como fontes privilegiadas para o estudo das emoções. Tal como para a filósofa Martha Nussbaum, os textos literários são para Illouz “uma fonte permanente de auto-compreensão colectiva e constituem assim um ponto de partida para a reflexão sociológica sobre um determinado sentimento”.

A ideia central deste estudo alargado é a de uma modernidade orientada para o consumo, em que os indivíduos são responsáveis pelo seu próprio sucesso ou insucesso, só neles reside a razão para a realização de projectos de vida, não são as condições sociais que estão na base da ascensão ou despromoção social, mas a respectiva constituição psicológica do indivíduo. São precisamente estas promessas de meritocracia que estão a revelar-se uma ideologia face à realidade social, uma promessa cada vez mais difícil de cumprir. As oportunidades sociais reais, determinadas por uma sociedade cada vez menos flexível e economicamente dividida, conduzem a uma relação tensa em que os sentimentos de desilusão podem tornar-se explosivos.

Simultaneamente, esta individualização conduz a uma enorme sobrecarga psicológica; as consequências são tentativas impotentes de auto-otimização e uma indústria de auto-ajuda imensamente florescente, que, com a ajuda activa da indústria farmacêutica, está a transformar a cura de feridas psicológicas num negócio próspero. E não é certamente por acaso que encontramos regularmente todo o tipo de livros de aconselhamento e de auto-ajuda à vida nas listas dos livros de não-ficção mais vendidos em todo o mundo.

Cada um dos capítulos de *Modernidade Explosiva* é marcado por sentimentos específicos. O sonho americano – e o que resta dele – é analisado sob os aspectos da esperança, da inveja e da desilusão. Para Eva Illouz, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, é neste caso um tema central. É precisamente a sua “ilusão de singularidade”, algo *kitsch* e nunca consciente, que leva Emma Bovary ao fracasso, enquanto a falta de ambição e os sentimentos superficiais são a garantia de sobrevivência do seu marido Charles Bovary. Illouz descreve a discrepância crescente entre os nossos desejos, ideologicamente mediados, e a realidade com outra emoção, a inveja, uma “emoção claramente negativa, social e moralmente destrutiva” desde que Caim matou o seu irmão Abel. Para Illouz, no entanto, a inveja não só mostra o seu poder destrutivo ao longo da história, como também tem sido uma força motriz da cultura de consumo desde o colonialismo. Illouz vê no conto de Guy de Maupassant, “La Parure” (“O Colar”), de 1884, uma prova de como a inveja não só se tornou parte da sociedade de consumo, mas também serviu para disfarçar as relações de classe. No entanto, à medida que as promessas de progresso e privilégio se tornam cada vez mais difíceis de concretizar no capitalismo de consumo moderno, a inveja passou de uma emoção dinâmica para outra destrutiva e explosiva.

O segundo capítulo, “Nacionalismo, democracia e as suas emoções”, começa com uma análise da raiva e da novela *Michael Kohlhaas, o Rebelde*, de Heinrich von Kleist, como “uma ilustração perfeita do desenvolvimento psicológico e social da raiva”. Para Illouz, a cólera é uma “emoção social” profunda, porque “o facto de se viver numa cultura de honra ou de distanciamento frio, de razoabilidade ou de autenticidade, de respeito pela hierarquia ou pela criatividade individual, irá moldar profundamente as reacções de cólera perante o mundo”. O que é um pouco surpreendente neste capítulo é a ausência do estudo de Peter Sloterdijk, *Zorn und Zeit*, cujo ensaio histórico-psicológico não está muito longe das teses de Illouz.

Que o Kohlhaas de Kleist, com a sua raiva, não é uma excepção, é demonstrado por Illouz com exemplos como os tumultos em Ferguson, em Agosto de 2014, depois de Michael Brown ter sido morto por um agente da polícia. Na verdade, foi o espoletar da agitação após um longo período de racismo e discriminação social.

A cólera provocada pela injustiça sofrida por indivíduos pode também ter um efeito identitário, com grupos inteiros a mostrarem-se solidários com os que estão zangados – a Primavera Árabe é disso um exemplo. Segundo Illouz, toda a esfera política é actualmente caracterizada pelo sentimento de raiva e, como no caso do populismo de direita, pode também ser dirigida contra minorias como os refugiados. E é precisamente a violação dos ideais democráticos de justiça que leva a que “a raiva seja vista como uma reacção legítima a uma violação das normas de justiça e equidade”.

O medo como um sentimento “desprezado” e “muito pouco masculino”, e a nostalgia e a falta de acesso à habitação como uma “experiência omnipresente da modernidade global” constituem a conclusão do segundo capítulo. A nostalgia dos sem-abrigo representa um grande perigo para as democracias, quando a restauração de um passado idealizado se torna o único objectivo das políticas de restauração. Para Illouz, a campanha “Make America Great Again”, de Donald Trump, e as ideias dos ultranacionalistas israelitas constituem a base dos seus exemplos.

No terceiro capítulo, “Intimidade implosiva”, Illouz retoma uma questão que já tinha abordado em “Porque acaba o amor”, a questão de como o capitalismo de consumo transforma os nossos sentimentos. O resultado da sua análise é bastante semelhante ao de Shoshana Zuboff no seu trabalho sobre o capitalismo de vigilância e a utilização e exploração dos nossos dados para manipular os nossos desejos. As análises de Illouz sobre a vergonha, o orgulho e o ciúme constituem o prelúdio deste capítulo, antes da consideração subsequente do “amor como uma forma social complexa”. É precisamente a complexidade do amor e da família, entre a necessidade económica e os desejos emocionais na era moderna que leva à implosão, porque “esta definição económica da família como objectivo é difícil de conciliar com o modelo de amor como transgressão ou transcendência que prevaleceu durante vários séculos”. Os esforços e os custos para manter o *statu quo* ou para progredir socialmente são cada vez maiores face a uma menor igualdade de oportunidades. E as famílias não conseguem fazer face a esta complexidade. Pouco a pouco, o amor está a perder o seu potencial para mudar a sociedade. A ascensão social através do casamento, um tema popular em comédias e filmes como *Um Sonho de Mulher* (*Pretty Woman*, 1990), também parece estar bloqueada; estudos recentes mostram que as classes sociais estão a tornar-se cada vez mais segregadas e isoladas, privilegiando-se o casamento entre pessoas da mesma classe.

No desfecho, tem-se a sensação de que a própria autora desconfia um pouco do seu diagnóstico sobre a explosividade; o livro adquire então uma suave melancolia, sustentado no grande romance de Kazuo Ishiguro, *Os Despojos do Dia* (*The Remains of the Day*). Não se questiona, como Adorno, se há uma vida certa na vida errada, mas sim: “O que é uma vida falhada?”. Tal como o mordomo Stevens no romance de Ishiguro, parece que não compreendemos os nossos sentimentos, que não nos apercebemos daquilo que nos falta. Com a ajuda da psicanálise de Freud, Illouz apresenta então várias formas de negação como um mecanismo de defesa, uma protecção do eu, uma espécie de negação da realidade, um “exercício da mente para ignorar a verdade”. Para Illouz, o caminho para essa verdade ou para uma vida realizada, a saída dos nossos papéis ideologicamente moldados, é tomar consciência dos nossos próprios sentimentos, porque “se conseguirmos dar nome a essas emoções, podemos por vezes desencadear revoluções, privadas ou colectivas”. Parece haver esperança para uma vida certa na vida errada.

Gerd Hammer é professor de Literatura Alemã e Estudos Culturais na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Obteve o seu doutoramento em Literatura Alemã Contemporânea na Philipps-Universität Marburg / Alemanha, em 1989. Desde 1991 trabalha como docente em Portugal, inicialmente na Universidade do Porto, e desde 1994 na Universidade de Lisboa. As suas áreas principais de investigação são a Literatura Alemã, a História dos Media, e a História das Emoções. Além disso, é também membro do grupo de investigação “Estéticas da Memória e das Emoções” do Centro de Estudos Comparatistas, em Lisboa.

© 2025 Gerd Hammer

Licensed under the Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).